

REFLEXÃO SOBRE O TERRORISMO

por Mário Soares

1. É óbvio que o terrorismo é um flagelo global intolerável, neste início de século conturbado que vivemos, a que devemos fazer frente, com toda a determinação e coragem, em toda a parte em que se manifeste.

Mas, como sempre tenho defendido, não se trata de fazer "guerra ao terrorismo", expressão que considero incorrecta, pelas comparações ilegítimas que suscita. Trata-se de combater, com inteligência, eficácia e num quadro de legalidade, actos criminosos horríveis e indefensáveis, vindos da sombra, que atingem inocentes, com as armas de que dispomos, sobretudo com informação, inteligência, prevenção e no respeito dos nossos próprios valores.

2. É verdade que este tipo de ameaça global se manifestou antes dos atentados de 11 de Setembro de 2001. Mas foi depois deles que o Mundo inteiro acordou para o perigo imenso - e novo, nas suas características - que o terrorismo global representa. Verificou-se, aliás, um movimento, quase universal, de solidariedade relativamente à América que, até então, pensávamos invulnerável.

Infelizmente, a política unilateral e de marginalização da ONU, conduzida pela Administração Bush, destruiu e pulverizou, em pouco tempo, esse capital de solidariedade importantíssimo. A invasão do Iraque, que hoje a maioria dos analistas consideram um erro político tremendo, contribuiu decisivamente para isso. Tanto mais quanto as razões invocadas para justificar a guerra contra o Iraque se comprovou serem falsas, como o da existência de armas de destruição maciça.

3. Logo após o 11 de Setembro, por proposta da Índia, salvo erro, A Assembleia Geral das Nações Unidas procurou encontrar uma definição, no seu contorno jurídico abrangente, para a palavra "terrorismo". Era importante para enquadrar o combate a este flagelo. Contudo, o que à primeira vista pareceria simples, revelou-se de extrema dificuldade. Não foi possível chegar a acordo.

Kofi Annan, porém, não desistiu. Nomeou uma "comissão de sábios" para que encontrasse uma definição clara de terrorismo que pudesse vir a ser aceite por todos os países membros da Assembleia das Nações Unidas. Ao que parece, o relatório que daí resultou será discutido em Setembro próximo. A dificuldade reside, fundamentalmente, em como não incluir os actos criminosos que assassinam inocentes e mesmo crianças, sem qualquer justificação, nos comportamentos que configuram o que se chama "terrorismo de Estado"? Ou certos assassinatos praticados por agentes secretos e mercenários ao serviço de Estados organizados, os quais, no entanto não deixam de se considerar, a si próprios, Estados de Direito? As técnicas utilizadas por Israel contra as populações palestinianas são exemplos expressivos destas dificuldades...

4. A questão não é nova e pôs-se durante a última guerra, que foi global e, por isso, vitimou muitos milhões de civis e crianças completamente inocentes. Lembremo-nos dos bombardeamentos sobre Londres e depois sobre certas cidades alemãs, como Dresden; do lançamento das bombas atómicas sobre Hiroshima e Nagazaki, no Japão; e de muitas operações secretas, verdadeiramente criminosas, praticadas, por um lado e outro, durante a guerra fria. Para já não falar do Vietname e de tantos genocídios praticados em África, antes e após as descolonizações...

5. O terrorismo global, com que hoje estamos confrontados, reveste-se de uma característica diferente: é menos político e muito mais religioso. O fenómeno dos Kamikases, que se dispõem a morrer para matar os que consideram "infiéis", é um exemplo terrível dos extremos a que pode chegar o fanatismo religioso. É, por isso, que entre os perigos a que estamos hoje sujeitos considero dos mais sérios a possibilidade de nos deixarmos cair inconsideradamente, em novas "guerras religiosas". Apesar do esforço, em contrário, que tem sido feito, para estabelecer pontes de diálogo entre cristãos, judeus, islâmicos, hindus, budistas e as outras grandes religiões - com resultados francamente animadores e positivos - como tem acontecido nos Encontros Ecuménicos organizados pela Comunidade de Santo Egidio. A verdade é que vivemos um momento de grande fanatismo que ataca todas as religiões, para não referir o que se passa com a proliferação de certas seitas, como as evangélicas. O recuo da tolerância e o aumento do fanatismo "infame" ("écraser l'infame") como

aconselhava Voltaire, tem vindo a tornar-se uma ameaça crescente e extremamente preocupante. Por estarem muito ligados com os progressos do terrorismo, em certas áreas do Planeta.

6. Não duvido que o terrorismo global é uma perversão da religião islâmica. Como escreveu Jean Daniel, "representa a face demente do Islão". Por isso, ao atacar o terrorismo, há que ter cuidado de não ferir o Islão, semeando ódios e ressentimentos entre aqueles que, sendo muçulmanos, condenam e combatem duramente o terrorismo. Não me refiro, claro, a regimes retrógrados e teocráticos, como a Arábia Saudita, ou a ditaduras, como o Paquistão - ambos aliados (por mera conveniência conjuntural) dos Estados Unidos. Refiro-me às populações islâmicas, dos diversos Estados, que seguem sinceramente a sua religião mas recusam a violência, de que quase sempre são vítimas, ansiando viver em paz e em prosperidade, de acordo com as suas identidades e idiossincrasias.

7. A prova de que o combate ao terrorismo tem sido mal conduzido, pelo Ocidente, consiste em que, passaram quase 4 anos sobre o 11 de Setembro, e cada vez nos sentimos mais ameaçados. O terror a que assistimos agora em Londres, depois de Madrid, obriga-nos a reflectir com lucidez. A guerra contra o Iraque transformou este país num "campo de treino" privilegiado do terrorismo global. Além de estar a ser um atoleiro suicida para as tropas anglo-americanas, para o qual não se vê, a curto prazo, saída fácil. Porque a intensificação da luta entre chiitas e sunitas coloca o Iraque à beira da guerra civil, como escreve a toda a largura da 2ª. página, o "Le Monde" de 19 de Julho. É verdade!

O "Royal Institute of International Affairs", prestigiado centro de investigação britânico, apresentou um relatório secreto ao governo britânico, três semanas antes do 7 de Julho. Nele alertava para o facto da situação crítica do Iraque aumentar o risco do terrorismo global e poder vir a atacar Londres. Esse relatório, publicado há dois dias pelo New York Times, refere uma evidência que, no entanto, vai contra a tese oficial dos anglo-americanos. Por essa razão não foi tido em conta.

8. Os "securitários", partidários do reforço da segurança a qualquer preço, mesmo que ponham em causa as liberdades e as garantias individuais, só acreditam no poder da força e nas barreiras de protecção dos agentes secretos ou de segurança. A experiência ensina-nos que não é assim. A democracia, vivida a sério, sem entorses, é a melhor e mais eficaz arma contra o terrorismo. Foram o civismo e o sentido da responsabilidade democrática que explicam a tranquilidade dos londrinos. Certamente entre aqueles que mais protestaram, nas ruas, contra a guerra do Iraque. Porque a verdade vem sempre ao cimo da água...

Lisboa, 23 de Julho de 2005